

Lucas Elyseu Rocha Narcizo Mendes

Licenciado em Geografia pela
Universidade Federal Fluminense
(UFF). Atualmente mestrando em
Geografia e Meio Ambiente pela
Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro (PUC Rio).

E-mail: lucas.elyseu@gmail.com

CAROLINA DE JESUS E PAISAGENS DO MEDO: Uma análise geográfica a partir das Histórias em Quadrinhos

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo a análise da paisagem da história em quadrinhos: *Carolina* (2016) – de autoria de Sirlene Barbosa e João Pinheiro – que retrata a vida da autora brasileira Carolina de Jesus. História em Quadrinhos que associada à paisagem geográfica contribui como instrumento de leitura do espaço, que através de uma linguagem visual e/ou textual, estrutura temporalidades diferentes e simultâneas ligadas, segundo Collot (2014), à realidades exteriores, as quais servem de memória para o espaço e são mediadas por referências espaciais que fazem da paisagem das histórias em quadrinhos uma maneira de participar criticamente e politicamente da reinterpretação/reconstrução do espaço geográfico.

Palavras-chaves: Histórias em Quadrinhos. Paisagem Geográfica. Instrumento.

CAROLINA DE JESUS AND LANDSCAPES OF FEAR: A GEOGRAPHICAL ANALYSIS FROM STORIES IN CHARTS

ABSTRACT: This paper aims to analyze the landscape of comics: “Carolina” (2016) - authored by Sirlene Barbosa and João Pinheiro - which portrays the life of Brazilian author Carolina de Jesus. Comic book that, associated with the geographical landscape, contributes as a space reading instrument, which through a visual and/or textual language, structure different and simultaneous temporalities linked, according to Collot (2014), to external realities, which serve as memory for space and are mediated by spatial references that make the landscape of comics a way to critically and politically participate in the reinterpretation/reconstruction of geographical space.

Keywords: Comics. Geographical landscape. Instrument.

1. INTRODUÇÃO

O mundo atual possui relações e ações complexas, onde sentido e particularidade encontram-se diretamente relacionados às experiências adquiridas, de maneira singular. A especificidade do lugar é construída por um conjunto de relações sociais que se encontram e se entrelaçam a partir de uma particularidade (MASSEY, 2000).

Nas histórias em quadrinhos, essa particularidade é exposta através da construção da paisagem, que condiciona o sujeito por meio da criação de símbolos e significados que se associam à uma lógica hegemônica criadora de formas de opressão e de segregação. Assim, no presente trabalho, será feita uma análise da paisagem presente na História em Quadrinhos *Carolina* (2016) (Figura 1), de autoria de Sirlene Barbosa e João Pinheiro, em que o objetivo é entender por meio da leitura de sua paisagem, como o sujeito se posiciona no espaço, mesmo imerso em hostilidades criadas pelo que Tuan (2005) define como paisagens do medo.

Tal posicionamento, quando associado às Histórias em Quadrinhos, se estrutura pelo meio de informações e perspectivas construídas por narrativas que nascem da descrição da paisagem, representando ações sequenciais que acontecem no tempo e no espaço. Construídas por grupos sociais que expõe determinadas visões de mundo, expressando momentos construídos por uma história formada por imagens, símbolos e

palavras reconhecíveis que descrevem a realidade (EISNER, 2005).

Expressão que nas Histórias em Quadrinhos contribui para a análise geográfica da paisagem como um instrumento de leitura do espaço, mediado por referências espaciais, que fazem da paisagem das Histórias em Quadrinhos uma maneira de participar crítica e politicamente da reinterpretação/reconstrução do espaço geográfico (COLLOT, 2014).

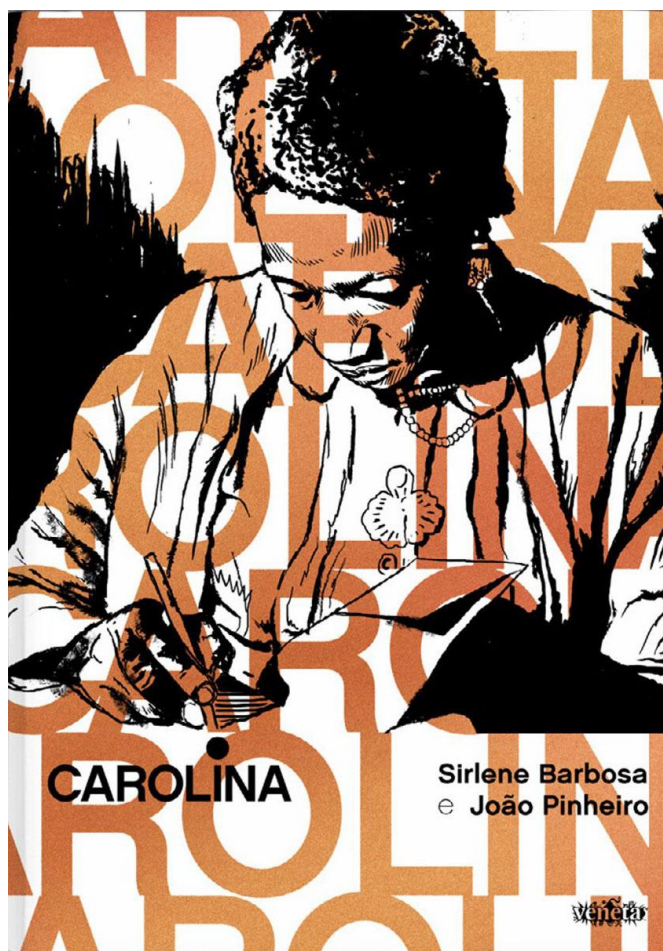


Figura 1: Capa do livro *Carolina* (BARBOSA; PINHEIRO, 2016).

Frente a isso, o trabalho foi dividido em três seções. Na primeira seção intitulada “Histórias em Quadrinhos e geografia: uma aproximação a partir do conceito de paisagem do medo”, há o debate acerca do conceito de paisagem do medo a partir das paisagens contidas na *Graphic Novel* citada, a fim de mostrar como a paisagem condiciona o indivíduo no espaço que está inserido.

A segunda seção – “Carolina Maria de Jesus: uma voz a ser lembrada” – traz para o debate a importância da História em Quadrinhos para análise do espaço geográfico a partir, também, da análise das paisagens contidas em *Carolina* (2016). Nesse ínterim, destaca-se a

construção da paisagem dada pela experiência do indivíduo como uma forma de se posicionar no espaço. Para assim na terceira sessão mostrar como as narrativas e paisagens da obra analisada podem proporcionar a compreensão da forma que as relações de poder se encontram dispostas na sociedade brasileira.



2. HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E GEOGRAFIA: UMA APROXIMAÇÃO A PARTIR DO CONCEITO DE PAISAGEM DO MEDO

Uma História em Quadrinhos representa paisagens construídas por indivíduos que reinterpretam e reconstróem o espaço, a partir de sua própria visão de mundo. Construção que está associada diretamente às experiências de cada indivíduo, ligando-se a tudo aquilo que o sensibiliza por beleza ou repugnância, trazendo assim definições sobre a percepção humana que se complementam a partir da compreensão de seus fundamentos neurais. Uma dessas formas de percepção é dada pela paisagem expressa nas Histórias em Quadrinhos. Elas apresentam um repertório visual diversificado, com elementos gráficos que se repetem e se caracterizam como linguagem, possuindo incontáveis formatos que servem de porta-voz para determinado assunto (CAMARGO; MAZILLI, 2015).

Sob este aspecto, esta seção aborda o conceito de paisagem do medo, proposto por Tuan (2005). A fim de compreendê-lo melhor, a priori, foi construído um debate sobre o conceito de paisagem para a geografia tendo como autores chaves: Tuan (1983; 2012) e Dardel (2015).

Para Tuan (2012), a mente humana organiza os fenômenos através da percepção, atribuindo significados que refletem visões de mundo, e a mente também possui uma nomenclatura própria

para lidar com os conteúdos da natureza, que se identificam por qualidades características que podem ser naturais ou apropriadas. Segundo Sokolowski (2014), esta percepção é dinâmica e mediada pelo ego, que é responsável por apresentar o objeto diretamente. Um hábito de ordenar o mundo mediado por uma maneira de se pensar como superior ao outro (TUAN, 2012). Concomitantemente, há a experiência que se encontra voltada para o mundo exterior, indicando situações comuns, mediadas por símbolos, que variam de acordo com os sentidos mais diretos e passivos, qualificando qualidades sentidas, manifestadas ou reveladas de acordo com a intencionalidade do indivíduo (TUAN, 1983).

Sendo assim, as Histórias em Quadrinhos e suas paisagens podem ser entendidas como uma ação de contar história que se encontra associada a grupos sociais (EISNER, 2005). Associação que faz da paisagem das Histórias em Quadrinhos um instrumento de leitura do espaço, que por meio da linguagem visual ou textual, estrutura temporalidades diferentes e simultâneas (COSTA;

TONINI, 2012; MENDONÇA; REIS, 2015). Como exemplo, a Figura 2, que traz a paisagem de São Paulo, no ano de 1955, mostrando temporalidades diferentes e simultâneas ao expor no canto inferior esquerdo uma arquitetura mais clássica e



Figura 3: Paisagem urbana I (BARBOSA; PINHEIRO, 2016).

para direita, arranha-céus.

A paisagem é um segmento da realidade envolvente e penetrante, no qual o que é visto por um, não é necessariamente o que o outro vê. Logo, ela é envolvida por inúmeros significados, que representam uma visão de mundo associada a uma

noção espacial de tempo, que é interpretada a partir de experiências particulares para com a realidade (TUAN, 2012).

Tal dinâmica, contida nas formas de perceber e analisar a paisagem, faz com que perceba-se um momento vivido, que ao unir seus elementos, põe em questão a totalidade do indivíduo e suas respectivas ligações existenciais para com a Terra. Isso permite uma organização individual e coletiva para então, transmitir uma verdade que é uma expressão fiel da existência de quem a constrói. Ou seja, um mundo em que o indivíduo realiza sua experiência como presença, no decorrer de uma temporalização, uma história, um acontecimento (DARDEL, 2015).

Uma das formas de construção de mundo é dada pela paisagem das Histórias em Quadrinhos. Ela dá visibilidade a experiências íntimas para com o lugar abordado, destacam situações que passariam despercebidas pelo outro e transmitem sentimentos e ritmos da vida diária (TUAN, 1983). Como exemplo, na Figura 3, a representação do belo e do visível através de uma arquitetura “neo-clássica”, tendo seus espaços preenchidos de preto mostrando também o que passa despercebido, deixando claro para o leitor a inter-relação entre ambos para a construção dos significados da paisagem.

O medo é subjetivo e experimentado pelos indivíduos. Os persegue e oprime com frequência e intensidade, podendo aparecer e desaparecer, variando de indivíduo para indivíduo, estando em constante mudança ao longo da vida. E pode ainda se manifestar por meio de um sinal de alarme e ansiedade (TUAN, 2005).

O sinal de alarme é um evento inesperado, com respostas instintivas de enfrentamento ou fuga, representado na figura 4 pelas figuras dos urubus e cachorros, que juntos do homem disputam a sobrevivência na Favela do Canindé. A ansiedade por sua vez, é uma habilidade de antecipação, um pressentimento do perigo que na figura 4 é representado pela cadeira entre os barracos e a sensação da autora em se encontrar em um quarto de despejo. Entretanto, tanto o sinal de alarme quanto a ansiedade atingem o indivíduo de formas diferentes, variando de acordo com suas respectivas experiências para com a própria realidade (TUAN, 2005).



Figura 4: Paisagem urbana II (BARBOSA; PINHEIRO, 2016).

quarto de despejo.

Sendo assim, a associação da palavra paisagem à palavra medo, remete a uma construção da mente conexas a estados psicológicos e ao ambiente real, que existe para o controle do caos, podendo ter inúmeras formas, variando com o passar do tempo de acordo com as mudanças ocorridas na paisagem (TUAN, 2005). Uma das formas é exposta por elementos da figura 4 com os urubus, cachorro “vira-lata”, barracos em situações precárias e a sensação de se sentir em um

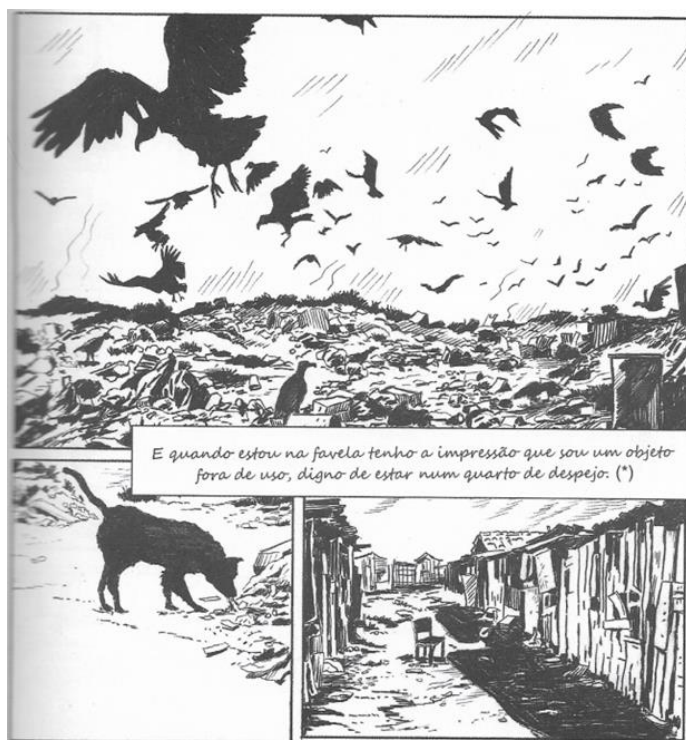


Figura 4: Paisagem do medo (BARBOSA; PINHEIRO, 2016).

Assim, tem-se na paisagem, quando construída a partir da percepção, experiências e intencionalidades que transmitem significados que refletem a realidade de quem a produziu, criando e expondo significados dotados de uma espacialidade única. Como demonstrado pelas imagens expostas e nas seguintes, elas são construídas por valores formadores de identidades e significações dotados de ideias, costumes e modos de vida que refletem determinada visão de mundo (COSTA; TONINI, 2012).

Contudo, assim como os demais objetos, as Histórias em Quadrinhos estão inseridas em visões hegemônicas que norteiam olhares, criam julgamentos e valores. E, mesmo em meio a regimes de visibilidade, as Histórias em Quadrinhos contam histórias de diferentes padrões sobre diferentes realidades (EISNER, 2005). Isso se constata na figura 5, mediante a um encontro entre Carolina de Jesus e Clarice Lispector – maneira utilizada pela autora, segundo Collot (2015; 2012), para reproduzir seu lugar geográfico, reinventando-o e recriando-o a ponto de transformá-lo em um lugar

de memória coletiva e pessoal portador de valores, linguagem e forma.



Figura 5: Carolina de Jesus e Clarice Lispector (BARBOSA; PINHEIRO, 2016).

Ao narrar eventos em sequência, com imagens, símbolos e palavras reconhecíveis, a paisagem apresentada pelas Histórias em Quadrinhos cria representações coletivas de histórias relacionadas a experiências com o lugar, que têm como base um conteúdo ideal ético, estético e universalizante, usado para descrever a realidade (EISNER, 2005; MAZUR; DANNER, 2014; DORFMAN; MATTELART, 2010).

Logo, a paisagem construída pelas Histórias em Quadrinhos contribui para a análise geográfica do espaço como instrumento de leitura do próprio espaço, estruturando temporalidades diferentes e simultâneas que expressam, subjetiva e objetivamente, memórias representadas por tempos singulares. É uma maneira de representar o espaço (COSTA; TONINI, 2012; MENDONÇA; REIS, 2015).

A representação do espaço está ligada a realidades exteriores e a diferentes percepções que servem de memória para aquele lugar, além de estruturá-lo por meio de diferentes percepções, impondo modelos e outras formas de reinterpretar o mundo (COLLOT, 2014). Ela fornece interpretações de realidades vividas, que por meio de sua percepção modificam a paisagem, relacionando-a e reconhecendo-a, proporcionando

aos envolvidos meios de reinterpretar o mundo através de experiências imediatas intencionadas, produzindo assim a partir da paisagem das Histórias em Quadrinhos um mundo experienciado, significado por experiências espaciais que fazem de sua construção e leitura uma forma de reinterpretar e reconstruir a realidade (NASCIMENTO; COSTA, 2016).

A paisagem das Histórias em Quadrinhos é uma forma de expor a realidade por meio da experiência do indivíduo. Sua análise permite destacar expressões de um momento construído, criador de representações coletivas que se encontram relacionadas às experiências utilizadas para descrever a realidade. Esta, ganha forma e conteúdo de acordo com o contexto histórico, social, cultural e econômico (PINHEIRO, 2013).

Uma dessas formas de descrever a realidade está na figura 6 quando, a fim de mostrar a relação desigual existente na sociedade brasileira, os autores representam dois empregados orientados pelo seu

patrão a despejar cargas vencidas de linguiça enlatada para os urubus, ou seja, os moradores. Animais e urubus coexistem na favela do Canindé. Ao relacionar os urubus aos moradores da favela, percebe-se uma construção que impõe medo, tanto para quem vem de fora, em relação à associação com lugar propício para pegar alguma doença contagiosa ou sofrer algum tipo de assalto, como também de dentro, mostrando que se você não comer acabará virando carcaça para urubu. E, ainda, se comer, continuará sendo urubu, pois, come as “carcaças” despejadas pela sociedade.



Figura 6: Favela do Canindé (BARBOSA; PINHEIRO, 2016).

Assim, ao associar a paisagem construída pela Histórias em Quadrinhos analisada ao conceito de paisagem do medo proposto por Tuan (2005), destacam-se os estados psicológicos e o ambiente real, fornecendo realidades vividas, que modificam a paisagem ao descrever experiências humanas que ilustram práticas e significados sociais manifestados pelas relações do cotidiano.

3. CAROLINA MARIA DE JESUS: UMA VOZ PARA SER LEMBRADA

Carolina Maria de Jesus, poeta, escritora e mãe de três crianças. Nasceu na cidade mineira de Sacramento, em um rancho rodeado por capim. Ainda jovem, foi para a cidade de São Paulo. Quando engravidou de seu segundo filho, Carolina, que trabalhava como empregada doméstica na casa de um médico, ficou desempregada, indo morar na favela do Canindé (PINHEIRO; BARBOSA, 2016).

Sua relação com a leitura se deu através de livros, jornais e revistas achados nos lixos revirados. Anotando em folhas que encontrava, Carolina de Jesus escreveu narrativas sobre sua realidade, destacando o racismo intrínseco da sociedade brasileira, e também denunciou veementemente a violência doméstica. Junto de sua prática literária,

desenvolveu pra si um sonho: ter seu nome em um livro – como se vê na figura 7. A realização desse sonho foi a partir de um encontro com o jornalista Audálio Dantas, em 1958, que resultou em uma reportagem sobre suas produções no Jornal *Folha da Noite*, em maio do mesmo ano. Dois anos depois, no dia 5 de maio de 1960, Carolina teve seu livro



Quarto de despejo lançado (PINHEIRO; BARBOSA, 2016).



Figura 7: Sonho (BARBOSA; PINHEIRO, 2016).

Mesmo com o lançamento do livro, ainda demorou para a autora deixar a favela do Canindé. Quando o momento chegou, foi morar em um bairro de classe média paulista: Santana. Contudo, sua estadia no bairro não foi das mais calorosas, pois, como se denota na Figura 8, por ser negra e ex-moradora de favela, os vizinhos mantinham certo distanciamento dela.



Figura 8: O mito da democracia racial (BARBOSA; PINHEIRO, 2016).

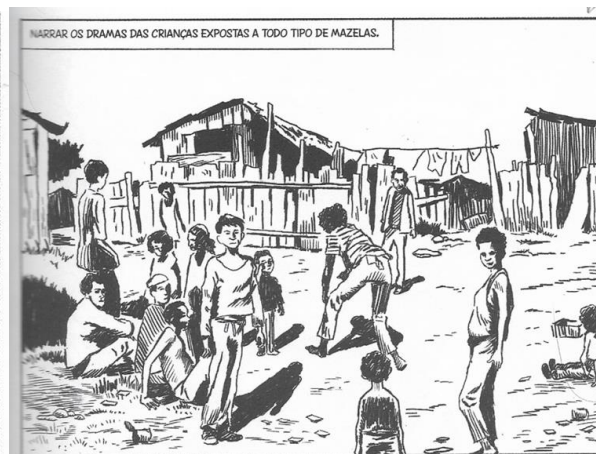
Depois do sucesso de *Quarto de despejo*, a autora teve ainda outras produções: *Casa de alvenaria*, *Pedaços da fome* e *Provérbios*. Entretanto, o sucesso do primeiro livro não foi o mesmo dos demais. O que fez Carolina de Jesus perceber – como explícito na figura 9, que, apesar do sucesso de seu primeiro livro, ela havia sido usada como produto descartável da sociedade brasileira. Cansada da realidade hostil e racista, a autora foi morar em um sítio na cidade de Parelheiros, no estado de São Paulo, onde faleceu em fevereiro de 1977 (PINHEIRO; BARBOSA, 2016).



Figura 9: Realidade brasileira (BARBOSA; PINHEIRO, 2016).

Na história analisada fica claro o compromisso da autora em questionar a condição humana a partir de sua visão de mundo, mostrando como uma paisagem hostil causadora de medo condiciona o indivíduo no espaço em que está inserido e faz com que seus significados possam ser entendidos como reflexos de uma realidade experienciada que descreve e recria o espaço geográfico mediante uma visão de mundo singular.

Um desses reflexos é exposto em *Carolina* (2016) – uma releitura do livro *Quarto de despejo*, quando a autora busca descrever e reinterpretar a paisagem em que estava inserida. Uma paisagem hostil, que como pode ser visto na figura 10, através da segregação social, limitava seu posicionamento na sociedade brasileira. O que também pode ser observado na figura 11, quando a paisagem da Favela do Canindé e construída por crianças expostas as mazelas como a vagabundagem, alcoolismo, prostituição e falta de saneamento básico.



Figuras 10 e 11: O mito da democracia racial II (BARBOSA; PINHEIRO, 2016).

Outra paisagem reconstruída por Sirlene Barbosa e João Pinheiro (2016) que remete ao conceito de paisagem do medo é o momento em que Carolina de Jesus discute com um comerciante por causa de tomates estragados que estavam na calçada de sua loja. Após a discussão, a autora consegue para si os tomates. Voltando para casa (FIGURA 12), Carolina deixa explícito seu medo: o de passar a noite sem comer. Porém, ao conseguir algum alimento, a autora pode, até certo ponto, ficar mais tranquila. Tranquilidade que pode ser interpretada pela noite estrelada representada em contraste com os barracos da Favela do Canindé.

Por fim, ao analisar *Carolina* (2016) junto ao conceito de paisagem do medo proposto por Yi-Fu Tuan (2005), dois pontos merecem ressaltar. O primeiro refere-se à relação entre *Histórias em Quadrinhos* e geografia. Esta, potencializada a partir da capacidade da *Histórias em Quadrinhos* reinterpretar o espaço vivido pela construção de sua paisagem, que, como visto, a partir da contação de histórias, retrata a realidade. O

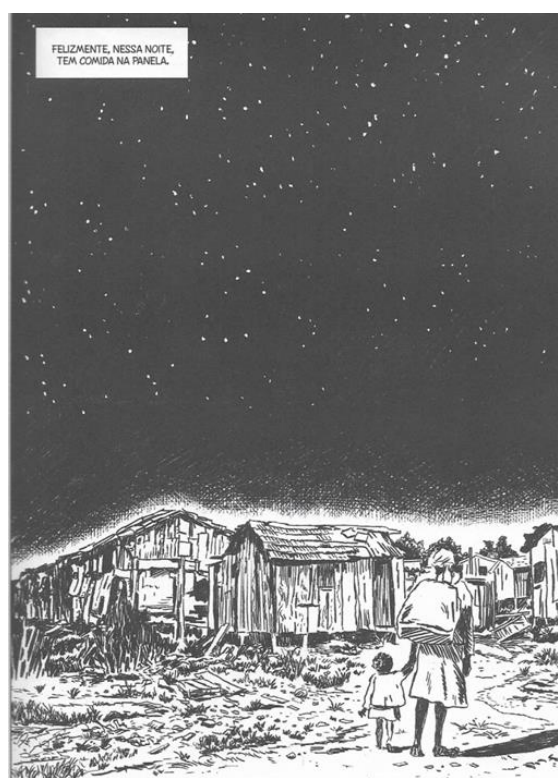


Figura 12: Medo da fome (BARBOSA; PINHEIRO, 2016).

outro ponto é a relação entre *Carolina* e o conceito de paisagem do medo. Notou-se que a paisagem construída por Sirlene Barbosa e João Pinheiro (2016) retrata, a partir de suas respectivas visões de mundo, uma paisagem repleta de significados que mostram como o conceito abordado condiciona o indivíduo e sua relação para com o espaço em que está inserido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao descrever a realidade, a *Histórias em Quadrinhos* é usada para uma melhor compreensão da relação entre os elementos que ela contém. Além de servir como instrumento de leitura do espaço, ao estruturar temporalidades diferentes e simultâneas. Uma das formas de estruturação, ocorre a partir das paisagens do medo, que criam realidades que condicionam de maneira direta o posicionamento do indivíduo no espaço.



Assim, a paisagem reinterpretada e reconstruída pelas Histórias em Quadrinhos é um instrumento de análise da paisagem, que fornece realidades vividas, que por meio da percepção modificam o panorama, destacando práticas e significados sociais manifestados pelas relações sociais do cotidiano. Em *Carolina* (2016) tem-se uma paisagem construída por elementos e significados que condicionam o indivíduo frente ao espaço em que está inserido, transformando-o em um espaço percebido. E esses espaços se distinguem pela construção de símbolos e significados que lhes são atribuídos. Eles transmitem um ponto de vista que expõe a maneira que o homem conhece e sente o lugar que habita, ou seja, que experiencia e entende o mundo (OLIVEIRA, 2000).

Em suma, os significados que ordenam o espaço e indicam experiências comuns mediadas por símbolos, variam de acordo com sentidos mais diretos e passivos, são uma das maneiras existentes, como foi visto, ao analisar sob a ótica geográfica a Histórias em Quadrinhos *Carolina* (2016), através das paisagens do medo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Sirlene; PINHEIRO, João. **Carolina**. São Paulo: Veneta, 2018

CAMARGO, Eleida Pereira; MAZZILLI, Clice de Toledo Sanjar. História em quadrinhos e neuroestética: conexões possíveis. In: **Anais 3ª Jornadas Internacionais de Histórias em quadrinhos**. São Paulo, agosto de 2015.

COLLOT, Michel. **Pour une géographie littéraire**. Paris: Éditions Corti, 2014.

COLLOT, Michel. Pour une géographie littéraire: une lecture d'archipel de Claude Simon. In: **Carnets**: revue électronique d'études françaises. 11e série, n° 3, 2015, p. 8-23.

COLLOT, Michel. Rumo a uma geografia literária. In: **Revista Niterói**, n. 33, p. 17-31, 2012.

COSTA, Rafael; TONINI, Ivaine. **As histórias em quadrinhos como construção da leitura geográfica**. Porto Alegre: ENG, 2012.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

EISNER, Will. **Narrativas Gráficas de Will Eisner**. Trad. Leandro Luigi Del Manto. São Paulo. Devir, 2005.

MARANDOLA JR., Eduardo. Identidade e autenticidade dos lugares: o pensamento de Heidegger em Place and Placelessness, de Edward Relph. In: **Revista Geografia**, v. 41, n. 1, Rio Claro, jan./abr. 2016, p. 5-15.

MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, Antônio A. (org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000, p. 177-185.

MENDONÇA, Marcio; REIS, Luis. História em quadrinhos: um campo recente da pesquisa em geografia sobre conflitos. n. 27, Rio de Janeiro: **Geo UERJ**, 2015, p. 98-119.

NASCIMENTO, Taiane Flores do; COSTA, Benhur Pinós da. Fenomenologia e Geografia: teorias e reflexões. In: **Geografia, Ensino & Pesquisa**. v. 20, n. 3, 2016, p. 43-50.

OLIVEIRA, Lívia. Sentidos de lugar e topofilia. In: **Revista Geograficidade**. V. 3, n. 2, inverno 2013.

OLIVEIRA, Lívia. Percepção da paisagem geográfica: Piaget, Gibson e Tuan. In: **Revista Geografia**. V. 25 (2): 5-22, Rio Claro, São Paulo, ago. 2000.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à fenomenologia**. Trad. Alfredo de Oliveira Moraes. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

PINHEIRO, Robinson Santos. O espaço literário: apontamentos para o diálogo entre geografia e literatura. In: **Revista Geografares**, n. 14, p. 72-83, junho, 2013.



TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. Trad. Lívia de Oliveira. São Paulo: UNESP, 2005. [1979] p. 7-57; 231-347.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

Como citar este artigo:

MENDES, Lucas Elyseu Rocha Narcizo. Carolina de Jesus e Paisagens do Medo: uma análise geográfica a partir das Histórias em Quadrinhos. **Revista Multidisciplinar de Estudos Nerds/Geek**, Rio Grande, v.2, n.3, jan.jun. 2020. p. 30-39